

---

## **Polarização nos relatos dos missivistas no livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão”<sup>1</sup>**

Fátima Lúcia Mauleón<sup>2</sup>

Universidade Paulista – Programa de Pós-Graduação em Comunicação

### **RESUMO**

Este artigo trata da estrutura polarizadora e dos efeitos da intolerância no ambiente transmidiático da sociedade contemporânea. Objetiva-se identificar a materialização de tais fenômenos nas narrativas dos missivistas do livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão” (2022). A discussão fundamenta-se teoricamente em Heller, Schwarcz, Souza, Braga, Recuero e Sponholz. Utilizamos, como metodologia, a pesquisa bibliográfica e análise de corpus. Resultados preliminares indicam que a intensificação da intolerância no tempo e espaço midiático promove uma ruptura comunicativa, processo paralisador do desenvolvimento civilizatório.

**PALAVRAS-CHAVE:** polarização; intolerância; midiatização; ruptura comunicativa.

### **Introdução**

A comunicação de ideias é imemorial e inerente à condição humana. A cultura escrita possibilitou criações intelectuais, formas complexas de racionalidade e avanços tecnológicos que alteraram profundamente as formações culturais, de representação e de consciência, impactando as relações interativas, os processos comunicacionais e os processos culturais na sociedade contemporânea.

Nossa questão de pesquisa é entender como o antagonismo radical e a intolerância são potencializados pela complexa midiatização das formas de interação e como a polarização se materializa nos relatos dos missivistas nas cartas do livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão”. Utilizamos a pesquisa bibliográfica e análise de corpus.

Durante o evento de lançamento do livro, a organizadora da obra Maud Chirio contextualiza o momento sociopolítico de polarização e embate contrahegemônico no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este trabalho é uma versão atualizada e alterada do artigo apresentado no XXIV Encontro Científico da Universidade Paulista – UNIP.

<sup>2</sup> Mestranda do PPGCOM UNIP, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), e-mail: fatima28lm@gmail.com

---

qual o livro é lançado: como pré-candidato à presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente que ficou encarcerado por 580 dias, e como candidato à reeleição, o então presidente, representante da extrema direita, Jair Messias Bolsonaro. Nossa análise tem como panorama tal contexto e se apoia na perspectiva comunicacional.

### **Polarização e Intolerância: estrutura polarizadora e perspectiva comunicacional**

Citando Schwarcz (2019), Heller (2020) aborda a origem da intolerância como herança da nossa colonização violenta, de matriz patriarcal potencializadora de diferenças nas quais o “Outro” (p.10) é visto como inimigo, num contexto nacional de desigualdades regionais, educacionais e de acesso à comunicação no qual o poder do Estado é usado para a manutenção do modelo das classes hegemônicas. Para além disso, em dispositivos digitais, cidadãos propagam o discurso intolerante e práticas de exclusão do diverso.

Braga (2020), identifica dois aspectos básicos de uma interação: os códigos interacionais, elementos pré-compartilhados interpretados, e os processos inferenciais que ajustam a interpretação e os elementos compartilhados à situação concreta da interação. Entende o processo de polarização como diferenças construídas entre seres humanos no qual há desconexão e violência simbólica, tendo como único vínculo entre os polos opressor e oprimido o eixo da diferença excludente. Os ajustes inferenciais desaparecem e a ruptura, cessação da comunicação, desencadeia comportamentos de intolerância, antagonismo e ódio: sintomas e reiteração do processo, e risco à interação.

Souza (2020) identifica efeitos negativos do uso das redes sociais na polarização das sociedades, promovendo o que denomina “dissociação cognitiva com a realidade objetiva” (p.327), por desencadear um tipo de pensamento baseado em imagens no qual a relação é direta com o significado a partir do repertório interno.

Tratando do fenômeno da polarização política, Recuero (2021, p.4), distingue a “polarização ideológica” (dois grupos apresentam opiniões divergentes) da “polarização afetiva” (além da divergência, os dois grupos nutrem aversão um pelo outro). Pontua que contextos de intensa polarização afetiva podem levar à radicalização na qual inexistem possibilidades mínimas de entendimento e ajustes para recuperar a interação.

### **Midiatização da polarização e seus impactos**

Braga (2020) afirma que a midiáticação, como processo interacional de referência, incide sobre a estrutura polarizadora de três modos: 1. a passagem dos discursos

---

centralizados (rádio e TV) para uma voz centralizada para cada grupo organizado (microambientes). 2. o uso midiático generalizado, que promove a adoção de verdades simplificadoras e alinhamento com lideranças que atendem ansiedades sociais e emocionais. 3. o uso da mídia motivado pela intolerância em busca de poder.

No âmbito da política brasileira, o autor identifica um histórico de polaridade não relacionado à intolerância e sim a dualidades. No entanto, a partir das eleições de 2014, a polaridade democrática foi substituída e desenvolveu-se uma polarização da intolerância que reverbera até hoje e só será enfrentada por um projeto pautado no “aperfeiçoamento civilizacional e não por uma visão estreita de poder”: construção de uma sociedade democrática, igualitária e inclusiva que promova a cidadania consciente e ativa.

Nesse sentido, Schwarcz (2019, p. 197) afirma que o “empenho da sociedade civil, cidadã, é o único que pode ajudar a romper um ciclo que herdamos dos tempos coloniais, mas aprimoramos na contemporaneidade”. Ressalta que modelos políticos autoritários desvalorizam a luta de grupos excluídos, perpetuando o discurso de ódio e a ação segregacionista por intermédio das mídias digitais, e criam a sua própria história: a de uma civilização passada harmoniosa que nunca existiu, para edificar líderes autoritários.

Souza (2020), abordando a polarização e os extremismos políticos nas redes digitais, observa a preponderância dos esquemas de fé quase religiosa, baseada em imagens, na construção de comunidades de ódio nas quais boa parte da sociedade renuncia à racionalidade e segue líderes que promovem a separação nós/ eles. Inserido nessa discussão, o conceito de “câmaras de eco”, Recuero (2021, p. 4), como grupos que filtram o conteúdo que compartilham, revela um problemático processo que gera maior radicalização dos usuários e aumenta a circulação de *fake news* e discursos de ódio.

Sponholz (2020) observa que o discurso de ódio não atinge qualquer grupo, pois seu conteúdo baseia-se na depreciação de grupos vivendo experiências geracionais de opressão e promove uma desintegração social que leva as vítimas de tais discursos a formarem espaços sociais próprios de interação; a interação entre grupos desaparece.

A ruptura comunicativa entre grupos impacta o desenvolvimento civilizatório entendido como processo em que todos nós estamos envolvidos (ELIAS, 1994). Para o autor, todas as características distintivas que atribuímos à civilização atestam uma estrutura particular de relações humanas e de correspondentes formas de comportamento. O controle e transformação da agressão e as formas racionalizadas de emoções estão legitimadas na vida cotidiana da sociedade civilizada. A polarização que impede a

---

consideração mútua nas relações humanas paralisa tal processo civilizatório na busca de uma sociedade igualitária e democrática com cidadãos conscientes e atuantes.

Os fenômenos conceitualmente apresentados estão materializados nas cartas que integram o livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão”, como veremos.

### **Estudo de caso: cartas ao “Querido Lula”**

Dentre as 46 cartas do livro, 17 apresentam reflexões sobre a luta de classes, a desigualdade social e a polarização política, identificando Lula como símbolo de transformação social e política. Destas, duas cartas serão analisadas.

A 22ª carta do livro (2022, p.126 -129) é escrita por uma servidora de universidade pública baiana, LGBTQIA+ que reconhece a ampliação da educação superior promovida pelo PT e denuncia que “Seu legado está em risco e o futuro de milhares de jovens negros, pobres está ameaçado” pelo “terror” do retrocesso do governo Jair Bolsonaro. Ressalta o “significado de ter um presidente vindo do povo, da classe operária, representando nossas necessidades”, mas se revolta quando nota a “aproximação do partido com os setores conservadores e elitistas que tanto combatíamos”. Considera impossível conciliar “uma sociedade mais justa e inclusiva” com “interesses elitistas”, “retrógrados” e “fundamentalistas”. Sabe o que é “injustiça” e a relaciona à prisão de Lula, “é a elite querendo colocar a classe operária de volta na marginalização. É a casa grande querendo colocar a senzala de volta ao seu lugar” para concluir que “a perseguição que o senhor está sofrendo é na verdade fundamentada no ódio ao que deu certo no seu governo e não a aquilo que deu errado”. Afirma que “é hora de ser combativo” e não conciliador; invoca a “necessidade de símbolos para a resistência” para falar da prisão de Lula e da morte da vereadora Marielle, e a “necessidade de reintegrar a esquerda” num projeto radical.

Como apontado por Heller, a matriz de origem patriarcal, os processos de exclusão e intolerância e as desigualdades étnicas, regionais e educacionais concretizam-se no relato: quando a missivista alerta para o risco de retrocesso que tiraria de jovens e negros o acesso à universidade; quando fala do desprezo à sua condição de mulher, LGBTQIA+, vítima de perseguição por parte de conservadores e elitistas; quando associa o aprisionamento de Lula como fruto da mesma relação polarizada: “a elite querendo colocar a classe operária de volta na marginalização”; quando identifica a perseguição como verdade fundamentada no ódio. Estamos no campo da ruptura comunicativa apontada por Braga na qual não há mais possibilidade de ajustes na diversidade, gerando

comportamentos de intolerância, antagonismo e ódio entre os polos opressor/oprimido. Desaparece a interação. Compromete-se o desenvolvimento do processo civilizatório (ELIAS, 1994) que busca mudanças na estrutura social - fortemente conectada com a estrutura da personalidade e os comportamentos dela derivados – na direção de uma sociedade democrática, igualitária, plural e inclusiva.

Como a define Recuero, a polarização afetiva materializa-se. Uma radicalização ao extremo expressa na tentativa de eliminação dos símbolos de extratos populares, símbolos de resistência, como mencionados pela missivista quando fala da prisão de Lula e do assassinato de Marielle. Nos termos de Sponholz, há uma desintegração social causada por um longo processo que penaliza minorias e promove a formação de espaços sociais próprios de interação.

A 44ª carta do livro (2022, p. 209 – 217) é escrita por uma jornalista, filiada ao PT, com forte componente emocional: identificação com a história de Lula, de fome e miséria, que “não fala só sobre minhas raízes, mas sobre um Brasil inteiro”. Sobre a eleição de 2002, afirma que “transformou o país. A ONU sabe disso. Qualquer um sabe disso. Só ignora quem vive de textão no WhatsApp e fake news”. Fala “sobre a cobertura das passeatas pró-impeachment e sobre o modo irreponsável como a mídia a fez, impactando de maneira totalmente absurda o nosso processo democrático”. Na sequência, um trecho representativo da polarização afetiva e dos efeitos de imagens midiáticas cuja força está na mobilização de emoções (especialmente: medo, ódio e desejo):

Como militante, os últimos anos têm sido bem difíceis pra mim. Sofri muito. O impeachment da Dilma doeu em mim e dói até hoje. A perseguição contra você. A morte da Dona Marisa, sua prisão. Nossa, como eu fiquei emocionada vendo as suas fotos nos braços do povo. E aí a eleição desse monstro. [...]

Sou mulher, negra e de origem pobre. Os atentados contra a democracia, atentam diretamente contra a minha existência. E eu sei, e você também, que eles aconteceram justamente porque as pessoas que usam black tie não conseguem ver gente como eu em lugares que, antes eram só deles”.

[...] Mas, apesar disso tudo, eu sinto muito orgulho de estar do lado certo da história. Ser de esquerda, acreditar em você, no PT [...]

[...] Trabalhei com publicidade e só lidava com dono de empresa. Gente rica, racista, machista, homofóbica e que admitiam que votariam no Bolsonaro porque “ai o PT destruiu minha vida”. (2022, p. 214 -215)

Imagens midiáticas, como as de Lula nos braços do povo, mobilizando elementos compartilhados assimilados sem a ação dos processos inferências, e o longo processo de ofensas racistas, misóginas ou homofóbicas, levam à desintegração social observada por

Sponholz e desvelada na divisão binária polarizada entre “nós/eles”, “elite/classe operária”/ “direita/esquerda”, “lado certo: bem/lado errado: mal”/ “quem usa black tie/quem não usa black tie”, “herói/ monstro”.

### **Considerações finais**

A sociedade do conhecimento estimula e evidencia, num jogo de produção e retroalimentação, formas de interação polarizadas e intolerantes, complexificadas pela mediação que imprime perfil específico a essas ocorrências. A organização dos participantes em microambientes, orientada pela formação binária excludente e não plural leva à desintegração social na qual desaparece a interação.

Nas cartas analisadas, verificamos como a estrutura polarizada, com sua força mobilizadora, impede que se veja além do muro, edificado, agora, a muitas mãos e em ritmo alucinante. Alinhamo-nos a Braga quanto à relevância do enfrentamento dos desafios impostos pela opressão intolerante nos vários âmbitos sociais, buscando a desmontagem de tal estrutura, processo paralisador da democracia e do desenvolvimento civilizatório, e colocamos a reflexão aqui realizada como contribuição para tal.

### **REFERÊNCIAS**

BRAGA, J.L. **Polarização como estrutura da intolerância: uma questão comunicacional**. In: HELLER, B.; CAL, D.; ROSA, A. P. da. (org.) *Mediatização, (in)tolerância e reconhecimento*. Salvador: EDUFBA, 2020.

CHIRIO, M. **Querido Lula: cartas a um presidente na prisão**. São Paulo: Boitempo, 2022.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador. Volume I – Uma História do Costume**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Disponível em: <https://encurtador.com.br/QdUGa> . Acesso: 20 jul. 2024.

HELLER, B.; CAL, D. e ROSA, A.P. da. **Apresentação**. In: HELLER, B.; CAL, D.; ROSA, A. P. da. (org.) *Mediatização, (in)tolerância e reconhecimento*. Salvador: EDUFBA, 2020.

RECUERO, R.; SOARES, F.; ZAGO, G. **Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter**. Revista Contracampo (UFF), Niterói, v.40, n.1, jan./abr. 2021.

SCHWARCZ, L.M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, V. **Não farás para ti imagem: fé, política e pensamento mágico-imagético-circular**. In: HELLER, B.; CAL, D.; ROSA, A. P. da. (org.) *Mediatização, (in)tolerância e reconhecimento*. Salvador: EDUFBA, 2020.

SPONHOLZ, L. **O papel dos discursos de ódio (on line) na ascensão da extrema direita: um aporte teórico**. In: Revista Confluências (UFF), v. 22, n.3, dez, 2020, p. 220-243. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qZVdq>. Acesso em 25 nov. 2023.